



## **AS CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS DAS AÇÕES E RELAÇÕES COM CRIANÇAS DE 0 A 2 ANOS PARA A REFLEXÃO NA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

Gilvana Menslin Oliveira da Maia - FURB

Clésnia de Oliveira - Escola Municipal Governador Heriberto Hulse

### **RESUMO**

Este artigo apresenta um estudo que objetivou compreender as implicações estabelecidas entre as ações e relações de crianças de 0 a 2 anos e suas professoras para a reflexão na prática pedagógica. De natureza qualitativa, foi realizada em uma instituição de educação infantil e teve como sujeitos onze crianças de 0 a 2 anos e suas professoras. Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado o registro em vídeo e em diário de campo. Os vídeos foram transcritos, e os dados, analisados, tendo como base os estudos, sobretudo, de Vigotski e de Bakhtin, com contribuições de Schön e Alarcão. A análise permitiu compreender que a constituição social da criança ocorre nas relações estabelecidas na esfera coletiva da Educação Infantil e que existem multiplicidades de sentidos atribuídos às ações infantis pelas professoras. Que o processo de reflexão na ação pode ocorrer diferentemente entre os professores durante as ações e as relações estabelecidas, como também permite que pensem criticamente em sua ação e reestruturarem a estratégia que está em curso no momento da mediação.

**Palavras-chave:** Ações. Relações. Crianças de 0 a 2 anos. Educação Infantil. Reflexão na Prática.

### **1 INTRODUÇÃO**

A Educação Infantil é caracterizada, pela Constituição Federal, de 1988, e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei nº 9.394/96, como direito da criança. Conforme a LDB, a primeira etapa da Educação Básica tem por objetivo o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico e cognitivo, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996). A partir da promulgação da LDB de 1996, as creches, que até então eram consideradas assistenciais e educacionais, assumiram caráter integralmente educativo.

Esse movimento de transição do caráter emergencial e assistencial para o caráter educativo que ocorreu na Educação Infantil alavancou pesquisas relacionadas à primeira etapa da Educação Básica. Uma das preocupações possíveis dessas pesquisas está relacionada aos

encaminhamentos metodológicos utilizados com crianças pequenas, objetivando compreender o desenvolvimento infantil e propor práticas pedagógicas para essa modalidade de ensino.

A partir desse contexto, realizamos a pesquisa cujo recorte apresentamos neste artigo e que teve como questão-problema: Quais implicações podem ser estabelecidas entre as ações e relações de crianças de 0 a 2 anos e suas professoras para a reflexão na prática pedagógica? Como objetivo geral, tivemos: compreender as implicações estabelecidas entre as ações e relações de crianças de 0 a 2 anos e suas professoras para a reflexão na prática pedagógica.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, foi realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), com 11 crianças na faixa etária de 7 meses e 2 anos, e com as profissionais que com elas atuam.

Para a coleta dos dados, optamos, pela observação, pelo diário de campo e pelo uso do vídeo. Quanto à transcrição dos dados captados pela filmagem, descrevemos as ações não-verbais das crianças e transcrevemos os diálogos das professoras e das crianças. Após a transcrição das ações dos sujeitos e das relações por eles estabelecidas, as organizamos em episódios que, na pesquisa, trata-se do conjunto de ações dos sujeitos e das relações entre esses sujeitos, não importando a temporalidade. Categorizamos, com base nos objetivos da pesquisa, oitenta e sete episódios, registrados em dezesseis encontros alternados com tempo diferenciados que variavam de vinte a quarenta minutos de registro em vídeo realizado no período de quarenta e cinco dias.

Para a análise dos dados empíricos, utilizamos a análise microgenética, que advém da perspectiva histórico-cultural, também conhecida como histórico-social por Wertsch (1998). Segundo o autor, em pesquisas histórico-sociais, “A orientação é conceber a ação como sendo organizada ou definida por múltiplas influências analiticamente distintas, mas interativas.” (WERTSCH, 1998, p. 61). Neste sentido, a análise corresponde a um momento relacionado ao processo histórico vivido pelas crianças e pelas professoras e se encontrou norteadada pela seguinte categoria de análise: a mediação nas ações e relações entre professoras e crianças.

O eixo central das análises esteve vinculado aos estudos de Vigotski (2007, 2003, 2000, 1998), quanto à constituição histórica e cultural do sujeito e às contribuições da linguagem enquanto mediadora da atividade humana; de Bakhtin (2004)<sup>1</sup>, no que se refere ao dialogismo e aos processos interativos entre o *eu* e o *outro*; e de Schön (2000) e Alarcão (1996), no que tange à epistemologia na prática, tomando como ponto de partida a reflexão na ação.

---

<sup>1</sup> Referência da 11ª edição do livro publicado em Língua Portuguesa no ano de 2004.

Neste artigo, além da Introdução, apresentamos, na seção 2, a análise referente à mediação nas ações e relações entre as professoras e crianças; na seção 3, a análise quanto à mediação do professor para a reflexão na prática; e, na seção 4, as Considerações Finais, seguidas das Referências.

## **2 A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR: SUAS AÇÕES E RELAÇÕES COM AS CRIANÇAS**

Para a análise, nesta seção, da mediação nas ações e relações entre professoras e crianças, lançamos mão do Episódio 01 e do Episódio 02.

O Episódio 01 ocorreu no dia quatorze de abril de 2008, teve a duração de dois minutos e cinquenta segundos e envolveu as professoras Laura, Regina e Stela e a menina Naiara.

As crianças estão sentadas no chão e brincam com os brinquedos que retiram da piscina de plástico com formato de tartaruga, utilizada para colocar brinquedos. Naiara avista a caixa de música no meio dos brinquedos e a busca intencionalmente sem a intervenção de qualquer criança ou adulto. Retira, então, a caixa de música da piscina e a manuseia aleatoriamente. Até esse momento, não conseguimos observar a real intenção de Naiara ao manusear a caixa de música. Enquanto manuseava a caixa de música aleatoriamente, pois a caixa de música estava desligada, ainda era observada pela professora Laura, que estava sentada distante da criança. Naiara deixa a caixa de música cair na piscina, e a professora Laura, por sua vez, ao observar a situação, pega a caixa de música e a faz funcionar. Naiara, primeiramente olha para a professora e, depois, para a caixa de música. A professora Laura olha para Naiara, mostra a caixa de música funcionando e sorria; a menina, ao pegar a caixa, a observa, olha para a professora e também sorri. Após, Naiara segura a caixa de música, que está tocando e a balança no ar com as duas mãos em um movimento que se relaciona com a música, como se estivesse dançando. A professora Regina higieniza o nariz de Naiara. A caixa de música para de tocar, e Naiara a entrega à professora Regina que a religa e a devolve à criança. Contudo, Naiara torna a entregar a caixa de música ligada à professora Regina, surpreendendo-a. A professora, diante da ação de Naiara, balança o corpo como se dançasse e segura e balança a caixa de música na frente de Naiara que, por sua vez, coloca a mão próximo ao ouvido esquerdo<sup>2</sup>. Naiara observa as ações da professora Regina, esta lhe devolve

---

<sup>2</sup> Anteriormente a esse episódio, observamos, no dia dezenove de março de 2008, as seguintes ações: Naiara manuseia a caixa de música; a professora Carmem pega a caixa de música e a liga, colocando-a em seu ouvido e,

o brinquedo. Entretanto, Naiara coloca no chão a caixa de música ainda em funcionamento e pega outro brinquedo.

Observamos, no episódio relatado, que Naiara olha e percebe a caixa de música entre os brinquedos e a busca intencionalmente, sem mediação direta de outra pessoa, o que pode ter acontecido por Naiara já ter tido contato com a caixa de música, visto que, segundo a professora Laura, “*desde o ano passado [...] a caixa já tava aí.*” (Diário de campo, 19/03/2008)

Quanto à intenção de Naiara de pegar, entre tantos brinquedos, a caixa de música, consideramos que a menina se lembrou do objeto com o qual se relacionou em outros momentos na instituição. Segundo Vigotski (2007), para a criança pequena, pensar é lembrar, e o pensamento sincrético infantil está intimamente relacionado com a memória. Neste sentido, após olhar o objeto e movimentar-se em direção a ele, Naiara pensou e, para que essa ação se realizasse, foi necessário que utilizasse sua memória. Vigotski (2007, p. 32, grifos no original) define a ação de olhar um objeto e dirigir-se a ele como “[...] *memória natural*” e que essa memória “[...] está claramente ilustrada nos estudos sobre formação de imagens [...]”, como também “[...] está muito próxima da percepção, uma vez que surge como consequência da influência direta dos estímulos externos, sobre os seres humanos.”

Sob a perspectiva de Vigotski (2007), a caixa de música serviu como estímulo externo para Naiara, que, ao se recordar desse brinquedo, o retirou da piscina. Ainda com base nesse autor, ao recorrer ao objeto, no caso, à caixa de música, Naiara pode ter se recordado do sentido atribuído a esse objeto nos momentos em que brincou com ele. Podemos inferir, então, que Naiara tenha escolhido esse brinquedo por conhecê-lo e a ele ter atribuído sentido.

Naiara, enquanto manuseava a caixa de música aleatoriamente, pois essa estava desligada, ainda era observada pela professora Laura. Naiara, deixou a caixa de música cair na piscina, e a professora Laura pegou a caixa de música e a fez funcionar. Naiara, primeiro, olhou para a professora e, depois, para a caixa de música. A professora Laura olhou para Naiara, mostrou a caixa de música funcionando e sorriu; a menina, ao pegar a caixa, a observou, olhou para a professora e também sorriu. Após, Naiara segurou a caixa de música, que estava tocando e a balançou no ar com as duas mãos em um movimento que se relacionava com a música, como se estivesse dançando. Com as ações descritas e as relações estabelecidas, sob a ótica de Vigotski (2000), é possível afirmar que a professora orientou sua ação pelas ações da criança com o brinquedo. Novamente ocorreu, agora sob a ótica de

---

depois, no ouvido da criança; na sequência, entrega a Naiara a caixa de música ligada, e Naiara a coloca em seu próprio ouvido.

Wallon (1974), a completude dos atos de Naiara por um outro experiente, no caso, a professora. Ao ouvir o som da caixa de música, Naiara sorriu. Com a *ação responsiva* de Naiara em sorrir, podemos compreender, então, a intenção da criança, pois passou a manusear o brinquedo de outra forma, movimentando-o. Naiara intencionava, no caso, ouvir o som produzido pelo brinquedo. Para Vigotski (2007, p. 24), “A percepção é parte de um sistema dinâmico de comportamento; por isso, a relação entre as transformações dos processos perceptivos e as transformações em outras atividades intelectuais é de fundamental importância”. O autor destaca a importância da relação entre a percepção e as atividades intelectuais, sendo que, por meio da percepção, a criança observa e atribui sentido às ações e aos objetos. Assim, ao perceber o som, Naiara segurou e balançou a caixa de música no ar, relacionando o som ao movimento. Essa percepção foi possibilitada pela mediação da professora que, ao fazer o brinquedo funcionar puxando a corda, permitiu que Naiara atribuísse sentido.

A percepção e a memória estão estritamente ligadas, sobretudo nos primeiros anos de vida do ser humano. Nesta direção, cabe retomar a relação entre memória e pensamento infantil a fim de compreendermos as ações de Naiara no Episódio 1. Sobre a memória, o autor afirma que o pensamento da criança de pouca idade está relacionado diretamente com a memória e complementa dizendo que “Para a criança pequena, pensar é recordar”. (VIGOTSKI, 1998, p. 44). Os pressupostos de Vigotski (1998) nos auxiliam a compreender a ação de Naiara, no momento em que a caixa de música para de tocar, e Naiara a entrega à professora Regina que a religa e a devolve à criança. A intenção da criança se baseou em uma experiência anterior e, por isso Naiara pode ter desejado que a professora Regina agisse como a professora Carmem, no dia dezanove de março de 2008: fizesse com que a caixa de música produzisse som. Podemos considerar, então, que Naiara usou sua memória quando entregou a caixa de música para a professora Regina e que essa ação teve a intenção de que a professora puxasse a corda da caixa de música para que tocasse. Podemos ponderar, também, que o sujeito se constitui nas relações sociais estabelecidas no ambiente familiar e no ambiente coletivo de educação e cuidado.

Em outro momento, Naiara torna a entregar a caixa de música ligada à professora Regina, surpreendendo-a. A professora, diante da ação de Naiara, balançou o corpo como se dançasse, segurou e balançou a caixa de música na frente de Naiara que, por sua vez, colocou a mão próximo ao ouvido esquerdo. Naiara observa as ações da professora Regina, esta lhe devolve o brinquedo. Entretanto, Naiara coloca no chão a caixa de música ainda em funcionamento e pega outro brinquedo. Vigotski (1998) nos ajuda a compreender a intenção

de Naiara nessa ação, ou seja, que a professora ouvisse o som da caixa de música e a colocasse no ouvido, a mesma ação realizada pela professora Carmem no dia dezoito de março de 2008, ou seja, novamente por meio do seu pensamento sincrético mediou sua ação. Vigotski (1998) caracteriza o nível de pensamento sincrético pelo uso da memória imediata, conforme aconteceu com Naiara, que relaciona as ações vivenciadas no Episódio 1 com as experiências observadas no presente estudo em situações anteriores, que também podem ter sido vivenciadas em outros momentos, fora os registrados na pesquisa. Todavia, esses momentos foram guardados na memória de Naiara.

A fim de compreendermos os diferentes sentidos atribuídos a um mesmo objeto, retomamos a discussão de Vigotski (2000) e de Bakhtin (2004) referentes à constituição do sujeito. As professoras participantes do Episódio 1 também se constituíram por meio das relações estabelecidas, atribuíram sentidos e significados, tanto em suas histórias de vida, assim como em suas trajetórias profissionais. Tais aspectos são determinantes nas relações estabelecidas conjuntamente com as crianças.

Podemos supor o processo de observação utilizado pela professora, referente às ações e relações das crianças, por meio de suas ações: inicialmente ela observa; após, avalia por meio da atribuição de sentidos; dialoga com todas as significações existentes sobre crianças e suas ações; e posteriormente age, mediando o conhecimento da criança. Todavia, haja vista a especificidade da Educação Infantil, Schmitt (2008) destaca que o professor precisa de *mil olhos* para abarcar as múltiplas relações estabelecidas, bem como a segurança das crianças com as quais atua, que dependem de seu olhar atento e interpretativo. Podemos considerar que os momentos de atenção, ou seja, estar atento à ação da criança possibilita a mediação concreta.

Em um determinado momento, ao final do Episódio 1, a nossa atenção se voltou para a ação da professora Regina de religar a caixa de música sem estabelecer uma relação direta com Naiara :

Depois que Naiara perde o interesse pela caixa de música e brinca com uma roda de plástico, a professora Regina conversa com a professora Stela sobre outra criança. Está sentada atrás de Naiara. Ao perceber que a caixa de música perde a força, a professora Regina puxa a corda novamente, sem interromper a conversa com a professora Stela, não estabelecendo uma relação com Naiara. (14 de abril de 2008, 14h45m, ação registrada em vídeo).

Ao observar a ação da professora em religar a caixa de música para que esta tocasse, não identificamos relação com a criança Naiara, que brinca com outro objeto.

Mesmo sem aparente intenção de mediar a ação de Naiara, a ação da professora Regina provocou o interesse de outra criança integrante da turma de 0 a 2 anos. São as ações dessa outra criança – Mariza – com a caixa de música e a mediação social e cultural inerentes a esse processo que descrevemos e analisamos no Episódio 2, apresentado a seguir.

O Episódio 2, que ocorreu no dia quatorze de abril de 2008, logo após o Episódio 1, com a duração de um minuto e trinta e nove segundos, traz as ações de Mariza, com um ano e seis meses, quanto à caixa de música, e a tentativa da professora Regina de interagir com Mariza, que escolhe brincar com a caixa de música e interage com a professora Laura.

No início do Episódio 2, Mariza sai espontaneamente da piscina e caminha em direção à professora Laura. A professora Regina convida Mariza a colocar e retirar os brinquedos na piscina. Todavia, o convite é ignorado pela criança, que caminha até o lugar onde está a caixa de música. Nesse momento, a criança não tinha contato visual com a caixa de música, mas sabia onde Naiara a havia deixado. Então, Mariza se dirige até a caixa de música que toca no chão e se movimenta como se quisesse dançar, em pé, atrás da professora Regina. Após a caixa de música parar de funcionar, Mariza caminha até a professora Laura e entrega a caixa de música à professora que a religa conversando com a criança e a olhando nos olhos. Mariza ouve o som da caixa de música colocando-a no ouvido. Após, com a caixa de música nas mãos, caminha até Naiara e a chama pelo nome. Contudo, Naiara brinca com outro brinquedo e não percebe a tentativa de relação de Mariza. Observamos, nas ações das professoras Laura e Regina, os sentidos diferentes atribuídos à saída de Mariza da piscina: a professora Regina a convida a participar da atividade de colocar e tirar os brinquedos e a professora Laura inicialmente faz o mesmo convite, mas, ao perceber que Mariza segura a caixa de música, muda seu discurso e liga o brinquedo interagindo com a criança.

Para analisarmos o presente episódio, retomamos a concepção dialógica do ambiente de Educação Infantil, pois nele ocorrem muitas situações de interação entre professoras e as crianças simultaneamente. Chama-nos a atenção interações diretas entre os interlocutores. Contudo, os enunciados podem ser interpretados não só pela criança ao qual se destinam. Segundo Bakhtin (2004), após a efetivação do enunciado, o receptor interpreta o enunciado atribuindo sentido aos signos e, em uma *atitude responsiva*, se posiciona *valorativamente*, enunciando para o seu locutor. Observamos, no Episódio 1, que ocorreram diversas relações entre Naiara e as professoras Laura e Regina e que Mariza não se relaciona diretamente com as professoras e com a Naiara, naquele momento. Todavia, observamos, no Episódio 2, uma relação entre as ações de Mariza e Naiara, ou seja, Mariza interpretou ações que eram

destinadas a Naiara no Episódio 1, a elas atribuindo sentido, o que pode ser observado no Episódio 2.

Sendo assim, toda interpretação da enunciação é caracterizada pelos sentidos e significados atribuídos entre os interlocutores, o *eu* e o *outro*, da relação, mas também podem ser construídos sentidos e significados pelo auditório social, que, no Episódio 1, se travava das demais crianças que brincavam, incluindo o sujeito do Episódio 1, Naiara, o sujeito do Episódio 2, Mariza, e as demais pessoas que estavam no contexto.

Ao relacionarmos, então, o Episódio 1 com o Episódio 2, compreendemos que as ações realizadas pelas crianças com o mesmo brinquedo – caixa de música – são diferentes. A singularidade das ações de Naiara e Mariza tem relação com as diferentes significações atribuídas pelas professoras nos momentos de mediação. Podemos considerar os momentos de mediação dialógicos, nos quais tanto a professora quanto a criança constroem impressões, sentidos e significados em relação às situações cotidianas, nas quais ocorre aprendizado.

No que se refere aos sentidos atribuídos por Mariza à caixa de música –, primeiramente, movimentá-la e, posteriormente, ouvi-la –, podemos considerar que são sentidos internos elaborados por ela durante as relações estabelecidas com as professoras do CMEI ou pela observação das ações de Naiara no episódio anterior. Cabe salientar, portanto, que o nível de pensamento, nessa fase do desenvolvimento, segundo Vigotski (1998), é sincrético, ou seja, Mariza agiu e atribuiu sentido à caixa de música mediante a utilização da memória.

No Episódio 1, em que analisamos as ações de Naiara e das professoras Laura e Regina, Mariza brinca sentada dentro da piscina, aparentemente, desatenta às ações realizadas em sua volta. Só foi possível compreender a relação entre as ações de Mariza e Naiara ao revermos atentamente as filmagens, em um momento posterior à captação das mesmas. Ao revermos a filmagem, observamos quatro momentos em que Mariza observa com atenção as ações das professoras e de Naiara no Episódio 1. São eles: 1) Naiara pega a caixa de música da piscina; 2) a professora Laura puxa a corda da caixa de música; 3) a professora Regina higieniza o nariz de Naiara; e 4) professora Regina incentiva Naiara a dançar. Ressaltamos que, após Mariza observar o momento 3 – a professora Regina higienizando o nariz de Naiara –, se olha no espelho, olha para a caixa de música que está tocando e faz um movimento com o tronco semelhante ao que realiza quando dança.

Ao observarmos Mariza no Episódio 1 e no Episódio 2, estabelecemos as seguintes relações: Mariza se dirige até a caixa de música que toca no chão e se movimenta como se quisesse dançar, pois ouve a professora Regina solicitar que Naiara dance; Mariza entrega a



caixa de música para a professora Laura, após observar que a mesma puxou a corda do brinquedo para Naiara; e Mariza, com a caixa de música nas mãos, se dirige até Naiara, a chamando pelo nome, pois Naiara brincava anteriormente com a caixa de música.

Após relacionarmos as observações de Mariza no Episódio 1 com as ações realizadas por ela no Episódio 2, observamos um elo entre esses dois momentos. As observações realizadas por Mariza no Episódio 1 foram guardadas em sua memória e orientaram suas ações.

Vemos a importância das ações dos professores na Educação Infantil e que a observação humana, muitas vezes, pode não dar conta de todos os sentidos e significados constituídos nesse ambiente, pois, somente com o uso do vídeo, conseguimos perceber as ações de Mariza descritas no Episódio 2, que não foram observadas no momento em que a filmagem foi realizada, mas somente após, quando foi assistida e transcrita para a pesquisa.

Por meio das análises realizadas nesta seção, compreendemos as relações entre crianças e professoras na constituição do sujeito na perspectiva histórico-cultural e compreendemos o sujeito partícipe de sua constituição por meio das relações estabelecidas, no ambiente da Educação Infantil, pela construção de sentidos, e que o desenvolvimento da criança e a organização de seu pensamento sincrético, pela percepção de situações e sentidos, são armazenados na memória, propiciando que a criança, por meio do ambiente imediato, recorde e interaja nas ações sociais com o *outro*. Ao analisarmos o outro-professor na presente seção, o compreendemos como mediador do processo de desenvolvimento infantil.

### **3 A MEDIAÇÃO DO PROFESSOR PARA A REFLEXÃO NA PRÁTICA**

Trazemos para o centro da análise, nesta seção, sobre a mediação do professor para a reflexão na prática, sobretudo, os seguintes pensamentos de Schön (2000): reflexão na ação, reflexão sobre a ação e reflexão da reflexão sobre a ação.

Antes, porém, discutiremos a conceituação do termo reflexão na prática. Referente ao termo prática, recorreremos a Vigotski (2003), que discutiu a prática pedagógica com crianças a partir de sete anos. Para esse autor,

[...] todo conhecimento surgiu e sempre surge de *alguma exigência ou necessidade prática* e, se no *processo de desenvolvimento ele se afasta* das tarefas práticas que lhe deram origem, nos pontos finais de seu desenvolvimento ele volta a se dirigir para a prática e encontra neste sua mais alta justificação, confirmação e verificação. (VIGOTSKI, 2003, p. 194, grifos nossos).

O foco da argumentação do autor reside no pensamento mediado por signos e na construção de conhecimento. Para Vigotski (2003), o conhecimento surge da exigência ou da necessidade prática e essa necessidade relacionada com a prática se afasta no decorrer do desenvolvimento. Assim, no processo de desenvolvimento, a prática está relacionada com a aquisição de conhecimento. Em relação à criança de 0 a 2 anos, consideramos que as suas ações e relações podem ser consideradas atividades práticas, como refere Vigotski (2003).

Vigotski (2000, p. 25) relaciona as relações reais e práticas com o desenvolvimento cognitivo: “A relação das funções psicológicas é geneticamente correlacionada com as *relações reais* entre as pessoas [...]”. O autor estabelece uma relação entre o desenvolvimento cognitivo e as relações sociais, ou seja, entre o *eu* e o *outro*, no processo de desenvolvimento. Nesse sentido, neste estudo, usaremos o termo prática com o significado de ações relacionadas diretamente à criança de 0 a 2 anos.

Sobre a reflexão, Schön (2000) nos explica que esta pode fazer com que o profissional consiga promover mudanças nos caminhos, muitas vezes incertos, em sua prática. A autora aponta para a reflexão na prática, sendo que a reflexão é vista sempre como uma forma de mudança na prática cotidiana. Diante do exposto, compreendemos a reflexão como tomada de consciência considerando as próprias ações.

Sob essa perspectiva, para Schön (2000), a reflexão ocorre no interior da ação, ou seja, durante a prática, que Vigotski (2003) preceitua. Compreendemos, então, que há uma interlocução entre esses dois conceitos – reflexão e prática – que, neste estudo, serão utilizados como *reflexão na prática*.

Referente à *reflexão na ação*, essa ocorre quando o professor reflete sobre uma ação no decurso desta, no momento em que está sendo realizada, avalia suas ações e as modifica de acordo com as influências que vêm recebendo das interações sociais ali realizadas. (SCHÖN, 2000). Em outras palavras, reflexão na ação é estar no interior da ação, enquanto ela está em curso e pensar sobre suas ações refletindo sobre elas e, por meio dessa reflexão, modificar as atitudes, sem sair da ação que está em curso.

Atrelado ao conceito de reflexão na ação, está o conceito de *reflexão sobre a ação*, que ocorre quando percebemos uma ação cotidiana diferentemente, ou seja, saímos do estado de acomodação para o estado de reflexão sobre a ação realizada costumeiramente. (SCHÖN, 2000).

Para Alarcão (1996, p 18),

Se reconstruirmos mentalmente a ação para tentar analisá-la retrospectivamente, então estamos a fazer uma reflexão sobre a ação. Exercemos naturalmente este tipo de reflexão quando a ação assume uma forma inesperada ou quando, por qualquer motivo, a percebemos a uma luz diferente da habitual.

Conforme explica Alarcão (1996), se o professor percebe situações cotidianas de forma diferente e pensa sobre elas, realiza a *reflexão sobre a ação*. Assim, a reflexão sobre a ação encontra-se relacionada à observação realizada anteriormente e é avaliada pelo sujeito para que haja a reflexão sobre a ação que está em curso.

A respeito da reflexão sobre a reflexão na ação, Schön (2000, p. 36) assim se manifesta:

Quando penso em minha experiência com o portão de madeira, é possível consolidar minha compreensão do problema, ou inventar uma solução melhor ou mais geral para ele. Nesse caso minha reflexão presente sobre minha reflexão na ação anterior dá início a um diálogo de pensar e fazer através do qual posso tornar-me um carpinteiro mais habilidoso (embora continue sendo amador).

Usando a metáfora da marcenaria, Schön (2000) propõe que, por meio do uso do processo – a marcenaria – pode aprender a fazer de uma melhor maneira, ou seja, fazer um “portão melhor”. Assim, se o professor reflete sobre sua prática – que equivale à “marcenaria” da metáfora de Schön – pode analisá-la fora da ação e fazê-la em outro momento de forma diferente, modificando drasticamente sua postura – equivalente ao “portão melhor” referido pelo autor –, o que seria, então, a reflexão da reflexão. Com base em Schön (2000), entendemos que a reflexão da reflexão na ação ocorre posteriormente a um processo que é usado para a análise e anteriormente a um processo que está por vir, bem como ultrapassa os dois conceitos anteriores, pois possibilita ao professor aprimorar suas ações pedagógicas com sua turma em situações futuras, em analisar questionamentos inerentes à prática em busca de ações que as solucionem.

Refletir sobre a própria prática permite rever conceitos sobre a concepção de criança e infância e suas relações, suas iniciativas no contexto coletivo de educação e cuidado, no qual estão intrínsecas as multiplicidades de sentidos e significados, que Bakhtin (2004) enuncia de forma dialógica; e as ações e relações historicamente situadas, como preceitua Vigotski (2000), nas quais ocorre o desenvolvimento das crianças. Se o professor aliar o exposto pelos autores ao seu olhar curioso e investigativo, poderá assumir uma postura crítica frente a sua reflexão na prática.

Bakhtin (2004), Vigotski (2000) e Schön (2000) nos permitem ponderar sobre a relevância da reflexão dos professores sobre as suas vivências com as crianças, ou seja, a relevância da reflexão nas ações e nas relações estabelecidas entre professores e crianças na Educação Infantil; da reflexão sobre essas ações e relações; e da reflexão da reflexão sobre tais ações e relações.

Nessa direção, retomamos, do Episódio 1, a atividade de retirar os brinquedos da piscina, na qual observamos a reflexão sobre a ação: Naiara coloca a caixa de música dentro da piscina, mas a professora Laura, que, desde o início observava a menina, pega a caixa e dá corda. O brinquedo toca, e a professora o entrega à criança que o balança no ar. Nesse caso, a atividade sugerida às crianças era retirar os brinquedos da piscina. Porém, por meio da observação das ações de Naiara, a professora refletiu sobre suas ações de sugerir a atividade e as modificou: pegou o brinquedo, o fez funcionar dando corda e o entregou à criança para que a menina com ele brincasse. Essas ações da professora nos remetem a Schön (2000), segundo o qual o saber obtido na reflexão sobre a ação ocorre na própria ação, e a Alarcão (1996, p. 18), que argumenta que “Exercemos naturalmente esse tipo de reflexão quando a acção assume uma forma inesperada [...]”. Podemos observar, no Episódio 1, esse momento mencionado pela autora, especificamente na intenção da criança de brincar com a caixa de música ao invés de retirá-la e recolocá-la na piscina conforme o sugerido pelas professoras.

No Episódio 2, conforme já mencionado, a professora Laura muda a ação de sugerir a Mariza que participe da atividade de guardar os brinquedos na piscina ao deparar-se com a intenção da criança de “solicitar” que faça a caixa de música funcionar, o que denota que a professora refletiu sobre a sua ação e que isso permitiu interferir na situação que estava em curso, ou seja, a professora não precisou sair da situação para mudar sua ação, mas apenas, conforme argumenta Schön (2000), pensou criticamente e reestruturou a estratégia que estava em curso, modificando suas ações com Mariza.

Em síntese, Schön (2000) propõe a postura de professores reflexivos e, nesse sentido, entendemos que o recurso de vídeo utilizado como suporte para a coleta de dados do presente estudo e posteriormente analisado pelo viés microgenético pode constituir-se em um recurso a mais para possibilitar ao professor a reflexão e a análise referentes às ações e relações estabelecidas entre as crianças e os professores na Educação Infantil, momentos que são, muitas vezes, fugazes e rápidos, como os que coletamos para esta pesquisa, mas que podem carregar dados especiais, irrepetíveis, como afirma Bakhtin (2004), de um momento histórico capaz de contribuir para a formação da reflexão que Schön (2000) sugere em seu estudo sobre a reflexão na prática.

A análise dos episódios apresentados na seção proporciona contribuições metodológicas quanto à reflexão na prática. Nesse sentido, o próprio professor pode lançar mão de imagens nas quais ele está atuando com seu grupo de crianças e assistir a essas imagens com o objetivo de rever as ações e relações que estabeleceu com as crianças, bem como as iniciativas infantis. Em outras palavras, pode, conforme argumenta Schön (2000, p. 31), “[...] conhecer-na-ação para referir-me aos tipos de conhecimento que revelamos em nossas ações inteligentes.”

No sentido apontado pelo autor, é possível ao professor observar e conhecer, nas cenas vivenciadas com as crianças, as suas ações inteligentes, intencionais, planejadas ou não, e executadas para atingir um objetivo previamente estipulado ou elaborado durante a reflexão estabelecida naquele momento. Igualmente, conforme nos ensina Alarcão (1996, p 31), “[...] há que saber desenvolver a capacidade de refletir, o que não é de toda tarefa fácil [...]”, sendo que “[...] sempre é possível refletir sobre o que conhecemos mesmo que o conhecimento seja tácito.”

Por meio das análises realizadas nesta seção, entendemos a relevância dos conceitos de Schön (2000) – reflexão na ação, reflexão sobre a ação e reflexão da reflexão na ação – e vemos a possibilidade de esses conceitos contribuírem para a prática consciente do professor. Isso porque, conforme os dados analisados nas ações e relações das professoras da pesquisa em relação às crianças, podemos supor que nem mesmos as docentes têm consciência de que realizam esse processo em suas ações e relações com as crianças. Sobre a reflexão da reflexão na ação, compreendemos que o uso do vídeo enquanto instrumento de coleta de dados da pesquisa permitiu analisar as situações do Episódio 2, que não foram observadas no momento em que ocorriam as filmagens. Nessa direção, o exercício de reflexão da reflexão ocorreu durante a transcrição dos dados para a pesquisa, podendo se constituir, então, como uma possibilidade de reflexão da prática pedagógica, ao ser utilizado em sala com as crianças.

Todavia, ponderamos que há muito a ser descortinado sobre as relações entre adultos e crianças na Educação Infantil, bem como há muito para refletirmos sobre nossas ações frente às ações infantis para que nossa reflexão seja realizada de forma consciente, horizontal e contextualizada.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Realizamos a análise da mediação nas ações e relações entre professoras e crianças, referente à constituição infantil das crianças de 0 a 2 anos e seu desenvolvimento por meio das ações e relações estabelecidas entre si e entre elas e as professoras. Esta análise revelou que a criança se desenvolve nas relações estabelecidas. Entendemos que a memória está intimamente relacionada ao pensamento sincrético infantil e que, nesse sentido, as ações vivenciadas pela criança nos diversos espaços sociais propiciam que interprete as relações estabelecidas e atribua sentido a elas, posicionando-se diante das mesmas enquanto sujeito e agindo concretamente no contexto histórico e social em que se relaciona.

No que se refere à mediação do professor, avaliamos as ações estabelecidas entre as crianças e as professoras, o que nos levou às diversas significações adotadas pelas professoras e crianças quanto a alguns objetos e brinquedos, bem como às ações e aos sentidos únicos e irrepetíveis, o que nos faz pensar na multiplicidade das relações na Educação Infantil. Ao compreendermos que a criança se constitui nas relações estabelecidas e que o desenvolvimento é um processo interno (do indivíduo), entendemos que as relações estabelecidas entre professoras e crianças são fundamentais para que essas se desenvolvam, bem como reconhecemos a importância de o professor conhecer a criança e seu processo de constituição.

Compreendemos que seja importante, também, o professor estar atento para que haja os momentos de reflexão na ação ou sobre a ação, nesses instantes fugazes e intensos nos quais a criança busca se relacionar com ele e com seus coetâneos, dado que as análises realizadas indicaram que a criança se situa, interpreta e age em relação ao outrem com o qual compartilha o espaço, seja esse outro da Educação Infantil ou não. No que tange aos aspectos apresentados, temos o entendimento, com base em Schön (2000), de que, por meio de um olhar curioso, atento, fundamentado para a observação, o professor tem a possibilidade de orientar suas ações mediadoras em prol de uma reflexão na prática para a Educação Infantil.

Ao final dessas considerações acerca da pesquisa realizada, entendemos que iniciativas nas pesquisas em Educação Infantil possam ser levadas em consideração no cotidiano institucional, no qual o professor pode inquietar-se em sua reflexão na prática por meio das ações e relações estabelecidas com suas crianças. Concebemos que muitos momentos vivenciados na Educação Infantil poderiam ser partilhados e coletivamente analisados por professores e professoras que atuam com crianças de 0 a 6 anos, propiciando uma alfabetização coletiva das linguagens infantis e a constituição de uma reflexão na prática que valorize as ações e relações das crianças.

A reflexão sugerida por nossa pesquisa busca o aprofundamento no conhecimento das ações infantis, o questionamento do professor frente às iniciativas das crianças, haja vista que, na educação da pequena infância, o aprendizado ocorre intrínseco nas relações sociais estabelecidas entre as crianças e as professoras, conforme pesquisamos no presente estudo.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 11-42, julho a dezembro 1996.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: <portal.mec.gov/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 05 out. 2011.

SCHMITT, Rosinete Valdeci. “**Mas eu não falo a língua deles!**”: as relações sociais de bebês num contexto de educação infantil. 2008. 218f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SCHÖN, A. Donald. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

VIGOTSKI, Lev Semenivich. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Psicologia pedagógica**. Trad. Claudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2003.

\_\_\_\_\_. Vigotski: manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXI, n. 71, p. 21-44, julho/00.

\_\_\_\_\_. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WALLON, Henri. **Psicologia e educação da infância**. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.

WERTSCH, James. A necessidade da ação na pesquisa sociocultural. In: \_\_\_\_\_; RÍO, Pablo Del; ALVAREZ, Amélia. **Estudos socioculturais da mente**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p. 56-71.